

IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS E ECONÔMICOS DA URBANIZAÇÃO GERADA A PARTIR DA IMPLANTAÇÃO DO COMPLEXO HIDRELÉTRICO DE PAULO AFONSO

Déborah Tahís da Costa Ferreira¹, Ana Cristina Aguiar de Oliveira², Bruna Souza Paiva da Silva³, Francisco Patrício de Andrade Junior⁴ e Maria Yanka Ferreira de Carvalho⁵

E-mail:

deborahcosta.f@hotmail.com¹; anacristina201038@hotmail.com²; brunasouza1960@hotmail.com³; junior.cara28@yahoo.com⁴; yanka.carvalho@hotmail.com⁵.

RESUMO

O presente estudo desenvolvido a partir da urbanização em um dos maiores polos hidrelétricos do mundo, a cidade de Paulo Afonso no interior da Bahia, ajuda-nos a compreender um pouco melhor sobre como se dá a urbanização e a industrialização em algumas cidades. As conclusões aqui mostradas são resultado de uma pesquisa realizada com a orientação de servidores do IFRN. Constatamos tais resultados tomando como base

principalmente a implantação do complexo hidrelétrico de Paulo Afonso, com o qual tivemos contato a partir de uma pesquisa em campo. Logo mais faremos uma breve análise da urbanização e do surgimento da industrialização na cidade, vendo todo o contexto histórico bem como os fatores que deram início a tal processo, além das consequências geradas nos diferentes aspectos.

PALAVRAS-CHAVE: Industrialização, Urbanização, Paulo Afonso, CHESF.

SOCIOENVIRONMENTAL AND ECONOMIC IMPACTS OF URBANIZATION GENERATED FROM THE IMPLEMENTATION OF THE PAULO AFONSO HYDROELECTRIC COMPLEX

ABSTRACT

The present study developed starting from the urbanization in one of the largest hydroelectric poles of the world, Paulo Afonso's city inside Bahia, helps us to understand a little best on as he/she feels the urbanization and the industrialization in some cities. The conclusions here shown are resulted of a research accomplished with the orientation of servants of IFRN. We verified such results taking as base mainly the

implantation of Paulo Afonso's hydroelectric compound, with which we had contact starting from a research in field. Therefore more will make an abbreviation analysis of the urbanization and of the appearance of the industrialization in the city, sells the whole historical context as well as the factors that gave beginning the such process, besides the consequences generated in the different aspects.

KEYWORDS: Industrialization, Urbanization, Paulo Afonso, CHESF.

1 INTRODUÇÃO

Como Roberto Lobato Corrêa nos mostra em seu livro “O Espaço Urbano”, existem agentes sociais que fazem e refazem a cidade. Esses agentes somos nós, que estamos sempre vivendo essas mudanças ou, como diria Santos, as “Metamorfozes do Espaço Habitado” e modificando tudo ao nosso redor. Diariamente, modificamos uma coisa e outra, e mesmo sendo estas consideradas insignificantes, tem grande peso nos mais variados aspectos. Como analisou a grande Ana Fani, a cidade é composta por formas, mas não são apenas estas que nos interessam, o que realmente importa é saber a história, a trajetória, o processo com o qual surgiu aquela forma. Nesse pequeno estudo, iremos analisar os impactos sociais, ambientais e econômicos gerados pela implantação de uma usina hidrelétrica. Para sermos mais específicos, as modificações que a Companhia Hidrelétrica do São Francisco (Chesf) trouxe a cidade de Paulo Afonso. Será feita agora uma breve apresentação da “Nova Zelândia Brasileira”.

Localizada no interior da Bahia, fazendo divisa com Pernambuco, Alagoas e Sergipe, Paulo Afonso já foi refúgio do cangaceiro mais famoso do Brasil – Virgulino Ferreira da Silva- o Lampião e de seu bando. A mesma é famosa por suas usinas hidrelétricas e atrai uma enorme quantidade de turistas, não só pelas belezas naturais, mas também por sua variedade de possibilidades de prática de esportes radicais.

Depois da construção das usinas, as características do lugar foram modificadas de forma extrema, e atualmente, o centro fica dentro de uma ilha artificial, construída com a implantação do canal da usina Paulo Afonso IV. Em torno do centro ficam alguns bairros, fora da ilha também há outros bairros importantes - como o Tancredo Neves que é o mais populoso. Há ainda a zona rural e os distritos da cidade.

Quanto aos esportes, uma ponte metálica com mais de 80 metros de altura sobre o São Francisco serve como base para saltos e o bondinho que antigamente era usada pra transportar os operários da Chesf, hoje em dia é utilizado como trampolim para a prática de rapel. A tirolesa é montada em Angiquinho, onde o praticante desce por uma corda e se depara com bela imagem do “Velho Chico”. “Nem fotos nem vídeos, por melhores que sejam, são capazes de revelar a verdadeira beleza das paisagens de Paulo Afonso. O cenário formado pelas águas do rio São Francisco, pelos cânions e pelo céu da cidade merece muitos minutos de admiração”.

Contudo, não se pode viver só das belezas naturais. Paulo Afonso ainda tem de se desenvolver e melhorar sua infraestrutura. A rede de hotéis é pequena, há poucas opções para alimentação e até mesmo na questão do comércio. Há uma carência, por exemplo, de lojas com artefatos de cultura da região, que sirvam de lembrança para os turistas. Mas a questão que mais salta aos olhos é a questão do lixo. Há grandes quantidades espalhadas pela cidade, até mesmo nos pontos turísticos. É deplorável ver uma paisagem tão bela sendo destruída, confundida com o lixo. É quase inadmissível ver uma cidade deste porte, com o fluxo de turistas que tem não investir tanto em políticas públicas quanto deve.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Industrialização Brasileira

O desenvolvimento industrial teve grandes dificuldades no início, isso se deve ao fato da coroa portuguesa passar a controlar o Brasil após transformá-lo em colônia. Eram impedidos os processos de manufaturas, pois, temiam a autonomia da colônia, temiam que ela fosse confrontar com a metrópole. Sem as manufaturas, a agricultura era a principal atividade econômica da época, principalmente a monocultura da cana-de-açúcar que era a cultura dominante até o início do século XIX, quando o café passou a entrar em cena.

Este passara agora a ser responsável pela acumulação monetária - embora tenha investido parte dos lucros em maquinários- e pelo desenvolvimento de infraestrutura, transporte, energia, entre outros, o que beneficiava também o desenvolvimento industrial, além da mão-de-obra abundante composta principalmente por imigrantes e ex-escravos, fazendo com que os mesmos recebessem baixos salários e trabalhassem em péssimas condições, pois havia muita competição.

Com a crise de 1929 enfrentada pelo país, se fez necessária uma maior valorização da indústria com a intenção de promover o desenvolvimento econômico. No ano seguinte, com a entrada do presidente Getúlio Vargas, foram feitas várias discussões em relação a indústria, havendo o surgimento da Usina de Volta Redonda no Rio de Janeiro, a Companhia do vale do Rio Doce(destinada a exploração do minério de ferro no estado de Minas Gerais) e o surgimento da Petrobrás em 1953. Porém foi no governo de J.K em que houveram as maiores transformações no panorama industrial nacional, principalmente pelo fato de utilizar o capital estrangeiro para permitir a entrada das multinacionais, ocorrendo assim um considerável aumento do mercado de trabalho.

Por sua vez, o crescimento industrial culminou no aumento da população das cidades, que recebiam muitos migrantes de outras regiões em busca de melhores qualidades de vida e emprego. Geralmente, essas pessoas vinham das zonas rurais, o que caracterizava o “êxodo rural”. O grande contingente populacional, agora existente nas cidades que estavam passando pelo processo de industrialização, eram maiores do que as mesmas podiam suportar ocasionado em diversas consequências como: problemas de saneamento básico, falta de moradias, aumento da poluição, violência entre outros. Além claro, do surgimento das favelas, onde a população pobre encontrou como único lugar viável para viver.

Apesar de todos os aspectos negativos, a industrialização foi, por um lado, bastante positiva, pois foi responsável pelo aumento de empregos, pela independência de produtos agrícolas e também a diminuição dos preços dos produtos manufaturas e industrializados.

2.2 Origem do nome Paulo Afonso e histórico da cidade

O nome Paulo Afonso dado às quedas d'água do Rio São Francisco na divisa dos Estados da Bahia e Alagoas, tem versões contraditórias, algumas delas de sabor puramente popular, sem nenhuma fundamentação histórica. Fala-se de exploradores da expedição de Martin Afonso de

Souza, um chamava-se Paulo Afonso, que teria descoberto estas cachoeiras em 1553. Outra versão fala de dois padres - Paulo e Afonso - que teriam sido “engolidos” pelas águas da cachoeira, quando desciam o São Francisco num barco, em suas viagens de evangelização. Estudiosos afirmam que, até 1725, não há nenhum registro no Brasil nem em Portugal, que se refira a estas quedas d' água com o nome de Paulo Afonso. Até esta data as quedas eram conhecidas como Sumidouro, Cachoeira Grande e Forquilha.

Em outubro de 1725, o português Paulo Viveiros Afonso recebeu uma sesmaria, nas terras da capitania de Pernambuco, o limite era o rio São Francisco, no local as grandes cachoeiras. Estendendo seus limites para o outro lado do rio, Paulo Viveiros Afonso teria criado a Tapera de Paulo Afonso. As terras ribeirinhas da cachoeira, no que seria Município de Glória/BA, ficaram conhecidas como pouso das boiadas que cruzavam o sertão, ficavam ali por uns tempos e seguiam viagem até Feira de Santana, polo comercial e pecuarista da época. A criação de gado era um dos esteios econômicos da região, ao lado dos engenhos de cana de açúcar.

Os primeiros passos para a emancipação política de Paulo Afonso foram dados quando quatro dos nove vereadores da Câmara Municipal de Glória foram eleitos pelo Distrito de Paulo Afonso. A luta para essa emancipação, apesar da resistência natural dos glorienses e de dirigentes chesfianos, segundo José Rudival, “era irreversível, porque o que se via era o crescimento muito grande do Distrito, superando em muito, o crescimento do município sede, Glória.”. A Indicação para o desmembramento do Paulo Afonso do Município de Glória foi aprovada e encaminhada à Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, no dia 10 de outubro de 1956. Criação da Chesf e construção das usinas hidrelétricas

O Decreto-Lei nº 8031, de 3 de outubro de 1945 publicou que “autoriza a organização da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco”. “Art. 1º - Fica o Ministério da Agricultura autorizado a organizar uma sociedade por ações, com sede e foro na cidade. Na mesma data o Decreto nº 19.706 limitava a área de ação da Chesf. As mudanças políticas no Governo Federal adiaram a criação da Chesf, que só em 15 de março de 1948, no governo de Eurico Dutra, teve a sua primeira diretoria constituída.

Começaram as obras da usina da hidrelétrica “Paulo Afonso I” e a construção da Barragem “Delmiro Gouveia” para fechar o rio. Obra genial de nordestinos sob a liderança do engenheiro Octávio Marcondes Ferraz, diretor técnico da Chesf. A chegada da Chesf na região causou grande impacto. Milhares de nordestinos chegavam para a obra. Superaram a marca de 11 mil empregados. A sua criação gerou dois ciclos de desenvolvimento para o Nordeste: Antes e depois da Chesf. O mesmo sofreu grande influência a partir da geração de energia elétrica das usinas instaladas em Paulo Afonso. Vários municípios nasceram depois da Chesf, inclusive Paulo Afonso.

O crescimento populacional do local foi rápido, com a chegada de milhares de nordestinos que mudaram seus rumos. Iam para Paulo Afonso ao invés de São Paulo. Durante muitos anos, tudo girava em torno da Chesf. Em seu acampamento – a cidade da Chesf – estavam os serviços públicos, a igreja católica, os clubes sociais, o hospital, as escolas para os filhos dos funcionários, as ruas planejadas, sistema de água, esgoto e energia elétrica funcionando. Do outro lado, a Vila Poty, mal planejada, sem nenhuma infraestrutura onde moravam os “cassacos”, como eram chamados os trabalhadores mais humildes da hidrelétrica. As obras das escavações dos túneis e

construção das usinas tiveram início em 1949 e duraram por quase 50 anos, gerando emprego para milhares de sertanejos. Das usinas de Paulo Afonso, do pioneirismo de milhares de nordestinos - muitos destes dizimados pela malária e pela dureza da obra- foi gerada quase toda a energia de que precisava o Nordeste para continuar crescendo.

A primeira usina da Chesf construída em Paulo Afonso e inaugurada pelo presidente Café Filho em 15 de janeiro de 1955, produzia 180 mil kW de energia elétrica, um exagero para muitos. Mas a demanda obrigou a construção de outras usinas. Vieram a 2ª, a 3ª e a 4ª usinas, além da pioneira “Usina Piloto” (todas em Paulo Afonso) e Usina “Apolônio Sales”, no Estado de Alagoas, na divisa com Paulo Afonso que, juntas produzem 4 milhões, 280 mil kW. A elas se juntam as Usinas “Luiz Gonzaga”, em Petrolândia/PE e “Usina de Xingó”, na divisa dos Estados de Alagoas e Sergipe, todas do Complexo Paulo Afonso. No total estas Usinas somam 8 milhões, 942 mil kW, ou 86% de toda a energia produzida pela Chesf .

2.3 Impactos referentes à instalação de Hidrelétricas

Como sabemos, toda e qualquer ação gera consequências. A instalação de uma usina não seria uma exceção. As hidrelétricas são uma importante fonte de energia do mundo, no entanto, apesar de ser uma fonte renovável esse tipo de geração de energia causa várias consequências, tanto ambientais quanto sociais e econômicos. Em seguida, apresentaremos e discutiremos alguns dos impactos – positivos e negativos – gerados a partir desse processo.

A usina hidrelétrica é uma fonte de energia renovável, que utiliza a energia de água corrente para produzir eletricidade, sem reduzir sua quantidade. Estas tem um tempo médio de vida útil de 50 a 100 anos, além de usarem tecnologia conhecida e segura há mais de um século, e sempre incorporam novas tecnologias para ter sobrevida e diminuir custos de operação e manutenção. Os reservatórios de acumulação que, além de armazenarem água da chuva, que pode ser utilizada para consumo e/ou irrigação, e ainda previnem o esgotamento em caso de seca e a vulnerabilidade de inundações, oferecem também flexibilidade operacional incomparável, já que podem responder imediatamente às flutuações de oferta e demanda de eletricidade. A estabilidade, a flexibilidade e a capacidade de armazenamento dessas usinas possibilitam o emprego paralelo de fontes intermitentes de energia renovável, como energia solar e eólica.

A chegada da usina faz com que ocorra o aumento da densidade da população que, por sua vez, permite que esse local cresça juntamente com a sua economia, sendo necessária a criação de toda uma infraestrutura para que assim possa fornecer a essa nova população resistência, escolas, hospitais, telecomunicação, luz elétrica e áreas de lazer. Os locais onde se instalam essas hidrelétricas podem transformar-se em centros de referências tanto em desenvolvimento de tecnologia de ponta para o setor quanto na formação de mão-de-obra qualificada e em desenvolvimento de estudos e projetos de preservação da flora e fauna locais, além de implantar programas de educação ambiental para a comunidade e no turismo de lazer e ambiental.

E, por fim, o ciclo de vida da hidroeletricidade produz quantidades muito pequenas de gases do efeito estufa (GEE). Por emitir menos GEE que usinas movidas a gás, carvão ou petróleo, a hidroeletricidade pode ajudar no combate às mudanças climáticas. Elas também não produzem

poluentes do ar, pelo contrário, melhoram o ar que se respira. Frequentemente, elas substituem a geração a partir de combustíveis fósseis, reduzindo assim a chuva ácida e a fumaça. Além disso, os empreendimentos hidrelétricos não geram subprodutos tóxicos.

Os impactos negativos já começam durante a construção das usinas. A construção de um reservatório acaba afetando consideravelmente a fauna e flora do local em que é construído, já que como esse local vai ser inundado, muitas espécies acabam sendo submersas e mortas, criando o limo. O crescimento excessivo de plantas sob essa massa de resíduos decomposta eleva demasiadamente os nutrientes na água (principalmente de fosfato e nitrato), levando a uma brusca redução do teor de oxigênio dissolvido (processo esse denominado eutrofização, ocorre de forma natural, mas é potencializado na medida em que se incrementa substancialmente a quantidade de efluentes despejados nos rios, oriundos do comércio, indústria e resistências), provocando a proliferação de microrganismos e algas que além de poluírem o habitat podem causar epidemias, como a esquistossomose e malária.

A morte dessas espécies, além de quebrar o equilíbrio no ambiente também poderá atrapalhar o próprio funcionamento das turbinas no primeiro momento, obrigando a limpezas sistemáticas das mesmas. Algumas espécies conseguem fugir durante a inundação desse local migrando assim para outro lugar, podemos citar como exemplo dessa fuga a construção da hidrelétrica de Tucuruí, no Pará, em que cientistas relatam a fuga de macacos, aves e outras espécies durante os dois meses que durou a inundação do lago de 2.430 Km². Nessa fuga, estimamos que apenas 1% das espécies sobreviveu em Tucuruí, ou seja, não conseguiram se adaptar ao novo habitat.

Mas não é só na terra que notamos o impacto causado por esse tipo de gerador de energia, percebemos também esses impactos nas espécies aquáticas. Como a construção da hidrelétrica é composta de uma barragem, os fluxos naturais dos peixes acabam sendo interrompidos, conseqüentemente haverá uma proliferação de determinadas espécies em relação às mais suscetíveis. Além disso, essa interferência pode ser brutal para os peixes, no período em que eles sobem o leito do rio no sentido contrário da corrente para depositar suas ovas, ou seja, no período chamado de piracema. Para amenizar essa situação, algumas hidrelétricas constroem degraus onde os peixes podem circular no seu fluxo natural de migração. Vale apenas ressaltar, que a simples construção de uma única hidrelétrica pode provocar a modificação do clima de todo ecossistema, uma vez que é substituída a mata pelo lago artificial, resultando na elevação da temperatura e na mudança do ciclo da chuva.

A barragem altera o fluxo da corrente e a vazão do rio, o que provoca o alargamento do leito original, o aumento da profundidade e a elevação do nível do lençol freático, criando pântanos. A pressão do peso da água represada pode provocar fortes deslocamentos de terra, prejudicando os aquíferos e pode provocar também sismos induzidos, os famosos terremotos de terra. Forma-se à montante uma nova margem que não tem a mesma resistência à água, o que causa erosão e perda de solo e árvores, gerando o assoreamento que, por sua vez, afeta a capacidade do reservatório. Essas barragens impedem o fluxo natural de sedimentos ricos em nutrientes que auxiliam na fertilização dos solos para produzir alimentos. Por causa da interrupção do fluxo do rio, ocorre a mudança na temperatura e na composição da água, com conseqüências

diretas na sua qualidade e isso provoca mudanças no ciclo da vida aquática, tais como procriação e metamorfose. E durante a construção e o funcionamento das usinas hidrelétricas são emitidos dois dos principais gases do efeito estufa - o gás carbônico (CO_2) e o metano (CH_4).

Levando agora para o lado social, a montagem do canteiro de obras transforma a economia local, com uso intensivo de materiais e energia, provocando a carestia nos preços dos materiais de construção e outros, prejudicando os moradores locais, aumenta a população que vem para trabalhar nessas empresas, provocando vários problemas como o acréscimo na produção do lixo e esgoto sanitário, aumento das máquinas pesadas que danificam as vias públicas e modificam as características do trânsito local.

Para que seja feita a construção da hidrelétrica é necessário deslocar desse lugar os indivíduos que lá estão. Os mesmos são geralmente famílias de agricultores, pescadores ou tribos indígenas, perdendo assim áreas que eram utilizadas para caça e pesca; esse deslocamento forçado é acompanhado por compensações financeiras irrisórias ou inexistentes. No caso da população indígena que não possui documentos comprovando que aquelas terras perdessem a eles, na maioria das vezes são reassentados em novas áreas, passando por um logo processo de adaptações culturais e sociais e podem perder sua identidade, pois possuem uma ligação espiritual estreita com a terra natal.

Vale ressaltar que muitas vezes deixam inundadas cidades inteiras, provocando a perda do patrimônio cultural da humanidade, a perda dos recursos naturais históricos, que variam desde santuários, artefatos e construções antigas e templos, além dos recursos arqueológicos, tais como fósseis, animais e cemitérios.

3 METODOLOGIA

Esse artigo foi realizado a partir da orientação do professor do IFRN, Andrey Luna Sabóia e tem como principal objetivo observar e analisar o processo de urbanização e industrialização na cidade de Paulo Afonso. Este artigo teve base em pesquisas e fundamentação teórica a partir de um acervo bibliográfico. Além disso, tivemos uma prática em campo realizada em dezembro de 2012 com a orientação dos Professores Manoel do Bonfim Lins de Aquino, Andrey Luna Sabóia e Alian Cristina Paiva, onde fizemos uma visita técnica ao memorial da CHESF e as Usinas de Paulo Afonso. Visita essa na qual pudemos visualizar o funcionamento da usina, onde são colocados em prática os fundamentos teóricos observados em sala.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Faremos agora uma associação, relacionando a teoria acima com a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF), a partir de dados coletados.

Traz o relatório da empresa:

“A história da Chesf é assim. Começou a funcionar em 1948. Um tempo em que o Nordeste ficava pequeno para tanto potencial. A região estava sedenta de novos negócios. E a empresa usou a água do Rio São Francisco para matar a sede do crescimento.

Desbravou as imensas montanhas de pedras dos sertões para construir hidrelétricas. Gerou a força necessária para instalação de indústrias, comércio e serviços, fazendo nascer milhares de empregos”

A presença da Chesf teve e tem uma influência enorme no desenvolvimento de todo o Nordeste, onde em cinquenta anos a população saltou de 14 para 45 milhões de habitantes e o índice de analfabetismo caiu de 69% nos anos 50, para menos de 30% hoje. Caiu também o índice de mortalidade infantil: de 155 crianças mortas em cada mil para 59 a cada mil. O PIB do Nordeste, que era de 3,5% no início dos anos 50 hoje é de quase 7% (maior que o do Brasil, que é de 6%). O aumento da oferta de energia elétrica para o Nordeste mudou de 2,1% do Brasil para 14% do que se consome no país e o consumo per capita, passou de 6,2% para 54% do Brasil.

Essa oferta trouxe mudanças consideráveis na vida econômica da região onde, há cinquenta anos, 76% do seu desenvolvimento era baseado no setor agropecuário. Hoje, a indústria é responsável por 25%, os serviços por 63% e a agropecuária por apenas 12%, segundo dados da Chesf (2002). Com isso, melhorou a qualidade de vida dos nordestinos, cuja expectativa de vida, que era de 42 passou para 64 anos. A empresa tem o maior parque gerador de energia e o maior número de hidrelétricas. São 14 usinas hidrelétricas e 2 termelétricas, com capacidade de produzir 10 milhões e 703 mil kW. Potência para gerar desenvolvimento para uma área de mais de 1 milhão de km², correspondente a 15% do território brasileiro. A maioria da energia gerada pela empresa vem das hidrelétricas. Estas representam atualmente 96% do parque gerador. A maioria das usinas está localizada no Rio São Francisco. “Somando pioneirismo com investimentos, assume o compromisso de ajudar o Nordeste a romper barreiras no século 21 e a ficar sintonizado com a tecnologia, trazendo desenvolvimento para seu povo”.

4.1 URBANIZAÇÃO EM PAULO AFONSO

De forma geral, a urbanização é um processo que se intensificou com a industrialização, havendo uma ligação muito íntima entre tais. Esse processo é um fenômeno mundial disseminado principalmente pela busca da inserção no mercado de trabalho. A função de cada cidade pode variar, pois cada uma tem uma capacidade limitada de fornecer bens e serviços para um mercado de consumidor devendo se adequar às necessidades de sua região.

A urbanização em Paulo Afonso começou a se dar principalmente após a descoberta das quedas d’água. Com a chegada do projeto de construção vieram os trabalhadores que construíram a usina piloto, para gerar energia para logo mais começarem a construir a primeira grande usina. Como visto anteriormente, a construção de uma estrutura deste porte exige um grande número de trabalhadores. Estes trabalhadores se deslocavam dos mais diversos locais do sertão nordestino.

Antes, o principal destino dessas pessoas seria o sul, mas, grandes oportunidades de emprego aqui mesmo no nordeste eram bem mais atraentes. Em outros tempos, saíam eles em busca de São Paulo, por exemplo, sem um rumo e sem a menor condição de se manterem. Arranjariam um emprego, mesmo que fosse apenas ganhando o que comer e sendo explorados durante grandes períodos de tempo. Coisa que acontece até nos dias atuais, onde recentemente

nos deparamos com casos de trabalhadores que conseguiam um emprego na construção civil e não conseguiam nem um teto para morar, viviam abrigados dentro do “esqueleto” da obra correndo sérios riscos de vida, inclusive.

A partir daí começou a se dar a ocupação do território, a criação das vilas para os trabalhadores, a construção da Igreja São Francisco, das escolas, dentre outras estruturas. Vindo para o panorama atual, verificamos que Paulo Afonso tem seus atrativos. Possui uma oferta de empregos para mão de obra qualificada, tem um baixo custo de vida, e tem grandes atrativos para os estudantes, pois, conta com universidades de grande porte. No entanto, é bastante grande o número de estudantes que se deslocam de lá por não haverem muitos cursos na área de saúde. Pensando nisso, a Chesf juntamente com os poderes federal, estadual e municipal, trouxe o curso de medicina para a Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

Quando à saúde, a região de Paulo Afonso, assim como em boa parte da Bahia deixa bastante a desejar, mas, é a opção que resta para os moradores de lá e das cidades vizinhas. Mesmo com a cidade sendo responsável pela microrregião do baixo São Francisco, nenhum de seus dois hospitais – o Hospital Nair Alves de Souza e o Hospital Municipal de Paulo Afonso- conta com uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI). O que se torna realmente preocupante, se formos contar que Paulo Afonso possui cerca de 110 mil habitantes, segundo e sua região possui 167.144 habitantes. Isso sem contar com outros municípios que não fazem parte do Território de Itaparica e mesmo assim Paulo Afonso dá suporte.

Por último, vale lembrar que há também grandes atrativos para a instalação de indústria e comércio, já que a cidade possui pouca industrialização, se comparada com o número de habitantes e a área que possui. Temos abaixo um gráfico que mostra o número de estabelecimentos registrados, entre indústria e serviços.

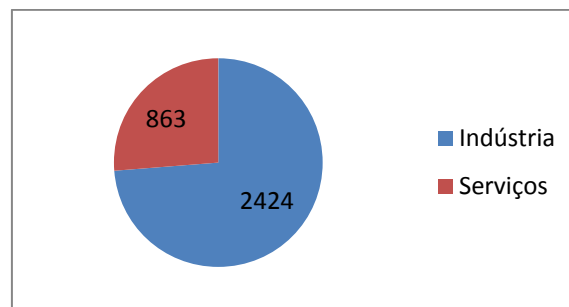


Figura 1: Indústria e Serviços em Paulo Afonso (por número de estabelecimentos)

5 CONCLUSÃO

Por fim, podemos tomar como conclusões as experiências realizadas para a produção deste estudo, onde adquirimos grandes parcelas de conhecimento nas mais diversas áreas. Adquirimos um conhecimento na história, por exemplo, quando abordamos o processo de industrialização brasileira e o histórico de Paulo Afonso e da Chesf. Aprendemos um pouco mais sobre os impactos que uma usina gera, a mudança provocada na economia, na vida das pessoas, na fauna, flora e etc. Conseguimos ainda fazer um estudo sobre a urbanização, os fatores que contribuem para esse processo, a partir de quando este começou a se intensificar.

Para tanto, tivemos uma grande base teórica, principalmente na questão conceitual do espaço urbano por grandes geógrafos brasileiros, uma vasta pesquisa relacionada a ação da Chesf, não só na questão do desenvolvimento das usinas, mas também a relação que esta mantém com os moradores e com o progresso econômico e social da região. Esperamos que o conteúdo abordado seja satisfatório e tenha sido apresentado de forma clara e de fácil entendimento.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARLOS, A.F.A. O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade. 1º ed. São Paulo: Labur Edições, 2007

CORRÊA, R.L. O Espaço Urbano. São Paulo: Editora Ática, 1999, p.1-16.

SANTOS, M. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, M. Técnica, espaço, tempo. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=1327>

<http://www.pauloafonso.ba.gov.br>

<http://www.folhasertaneja.com.br/especiais.kmf?cod=10427334>

http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=606&Itemid=195

<http://www.ced.ufsc.br/emt/trabalhos/historiadaeletricidade/ENERGIA%20ELETRICA%20E%20MEIO%20AMBIENTE.htm>

<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAPh8AH/energia-eletrica>

<http://verdeenergizado.blogspot.com.br/2010/08/energia-hidreletrica-vantagens-e.html>

http://www.observadorpiraju.com.br/coluna_rodnei.asp?id=2763

<http://www.brasilecola.com/historiab/industrializacao-brasileira.htm>

<http://geonaweb.blogspot.com.br/2010/04/urbanizacao-e-industrializacao-do.html>

http://www.chesf.gov.br/portal/page/portal/chesf_portal/paginas/sustentabilidade_chesf

<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/geografia/urbanizacao-do-brasil-consequencias-e-caracteristicas-das-cidades.htm>

http://www.apontador.com.br/em/ba_paulo-afonso

<http://www.brasilecola.com/brasil/urbanizacao-no-brasil.htm>

<http://www.brasilecola.com/historiab/industrializacao-brasileira.htm>

http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/consequencias_industrializacao.htm

<http://geonaweb.blogspot.com.br/2010/04/urbanizacao-e-industrializacao-do.html>

<http://www.juraempresaeverso.com.br/HistoriasDasCidadesBrasileiras/HistoriaDaCidadeDePauloAfonso.htm>